

CULTOS EVANGÉLICOS KAINGANG: CURA, ÊXTASE E OUTRAS MEDIAÇÕES NA TERRA INDÍGENA DO GUARITA – SETOR IRAPUÁ

Diego Fernandes Dias Severo

diegofdias@gmail.com

Doutorando em Antropologia - PPGAnt / UFPEL

Docente – IFFar / Campus Alegrete

Resumo: Este trabalho busca refletir sobre os elementos constitutivos da prática evangélica entre os kaingang do setor Irapuá – Terra Indígena do Guarita, estado do Rio Grande do Sul. As igrejas evangélicas, de matriz pentecostal estão presentes entre os kaingang há mais de 60 anos, se materializam em diferentes denominações, que disputam adeptos por meio de práticas discursivas e curas realizadas nos cultos e nas casas dos enfermos. A crença evangélica se sustenta na resolução de questões individuais, como a obtenção de emprego, a conquista de uma vaga em universidades e o abandono do uso de bebidas alcoólicas e do cigarro, e também coletivas, como a resolução de conflitos entre grupos familiares, a diminuição de festas realizadas pelos jovens e mesmo em negociações feitas com as autoridades ocidentais para não punir infrações vistas como “menores”, como o dirigir sem habilitação dentro da área indígena ou não ter documento do veículo. Contudo, a cura é o elemento que sustenta a adesão ou proporciona o abandono de uma denominação religiosa por outra, ela se constitui na manifestação de espíritos ruins, ligados ao Diabo, que são expulsos pelo pastor e pela prática de algum sacrifício de um parente próximo. A figura do pastor é central nos cultos, quando o mesmo é kaingang, os pontos fortes dos discursos são em língua indígena, momento em que se busca significar a prática crente no universo ameríndio. O choro, os gritos e murmúros de lamentação acompanham a cerimônia, todos são intimados a participar, o que configura a tomada do espírito santo na pessoa. A inserção do antropólogo em igrejas evangélicas, em especial, indígenas, exige paciência, que o mesmo se abstraia de suas imagens prévias sobre o fenômeno para de fato tentar compreender como o grupo entende e compreende a religiosidade em seu cotidiano e pensamento. A pesquisa de campo proporciona desafios, pois o tema apresenta resistência kaingang, de fato, os indígenas imaginam o pesquisador como a pessoa que busca a “tradicionalidade”, as histórias dos antigos, os mitos sobre os animais, os rituais tradicionais e, portanto, fecham-se em seu íntimo quando a sua vida cotidiana, tal como ela se apresenta. Busco, nesse texto refletir sobre os elementos que constituem a presença e a densidade das práticas evangélicas entre os

kaingang, sua articulação com a política ocidental e o xamanismo, assim como pensar os desafios da pesquisa antropológica em universos, muitas vezes, não priorizados pela etnologia.

Palavras-chave: Kaingang; Cultos evangélicos; Etnologia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca descrever alguns aspectos da religiosidade evangélica entre os kaingang da Terra Indígena do Guarita (T.I. Guarita), especificamente do setor Irapuá, município de Redentora, noroeste do Rio Grande do Sul.

Na T. I. Guarita localizam-se os grupos amiríndios Kaingang, Guarani Mbya e Guarani Ñandeva, sendo predominantemente habitada pelo primeiro grupo. Essa é a maior em extensão territorial e em densidade populacional do estado do Rio Grande do Sul, possui cerca de 23 mil hectares e uma população em torno de 5776 pessoas¹. Apesar desses dados, os Kaingang afirmam que o número se aproxima a 9 mil pessoas.

O setor Irapuá, pertence ao município de Redentora, divide o comércio local, bares e igrejas com a população não indígena, a aldeia é separada do bairro Irapuá pela RS-330, tal como a maior parte da T.I. Guarita, que inicia em Redentora e segue por 32 km até a cidade de Tenente Portela.

Permaneci no setor Irapuá por doze dias, fiquei hospedado na casa do professor kaingang Zaqueu Kei Claudino, que me apresentou as lideranças indígenas e, de certa forma, legitimou minha presença na área.

Neste primeiro momento, meu objetivo foi, prioritariamente, “reconhecer o terreno”, inserir-me nas atividades da aldeia, mapear as igrejas evangélicas e observar a relação entre poder político e religiosidade.

Com isso, minha proposta é refletir sobre a atuação dos kaingang evangélicos na T.I. Guarita, descrever dois de seus cultos, um na igreja Assembleia de Deus e outro na Só o Senhor é Deus, ambas no setor Irapuá, organizados e ministrados por presbíteros e pastores kaingang, tal como todos os participantes e refletir sobre os elementos presentes nesse processo, tal como problematizar o papel do antropólogo quando se depara com “outros não tão outros assim”.

¹ Dados do site: <https://terrasindigenas.org.br/es/terras-indigenas/3680>.

A CHEGADA DOS EVANGÉLICOS: UM FUNCIONÁRIO DA FUNAI

Na aldeia do Irapuá existem duas igrejas evangélicas, a Assembleia de Deus e a Só o Senhor é Deus, a primeira é mais antiga e reúne muitos adeptos em toda a área indígena, possuindo doze igrejas de alvenaria. Já a igreja Só o Senhor é Deus têm uma estrutura mais simplória e está presente somente em alguns setores.

O destaque para o tipo de construção, de “alvenaria”, diz algo sobre a relação dos adeptos com um determinado modelo de belo, de resistente, de permanência, efetividade.

A “qualidade” foi dada pelo senhor Santo, de 67 anos, Técnico em Enfermagem, aposentado da Funasa, viúvo e presbítero dessa igreja. Ele me contou quem deu início aos cultos e pregações evangélicas na T.I.:

[...]1960, surgiu a Assembleia de Deus, um funcionário da Funai, lá de São Paulo, de São Paulo, e ele veio para cá, e ele era da Assembleia de Deus. E começou, na sua casa a pregar o evangelho, e o meu pai se converteu ali, primeiro foi o meu pai.

[...] E eu, comecei mais tarde, porque eu era dos músicos, dos bailes né, tocava nos bailes, então comecei mais tarde, mas chegou o dia em que eu me convenci também, e hoje eu continuo na igreja tocando acordeona. Eu achei bom, evita muita coisa, e agora tem, nós temos na área, tem doze igrejas de alvenaria. E cada setor tem os presbíteros da igreja, são os dirigentes, da igreja, e eu sou também presbítero da igreja. [...] Evita muita coisa, é droga, maconha, os que estão na igreja não sabem o que que é, agora, os que não tão, não sei.

Algumas vezes um funcionário da Funai, outros padres argentinos, como afirmou um interlocutor. A chegada dos missionários evangélicos no sul do país remonta a instalação do aparato estatal do Serviço de Proteção aos Índios, e não é minha intenção remontar essa história, mas de perceber quais os mecanismos que os kaingang estão acionando para acomodar, ojerizar, ou mesmo incorporar tais crenças em seu universo mítico religioso.

O relato acima evidencia o caráter exterior da crença, um branco a introduziu na aldeia, a participação se realizou entre os adultos e, com o tempo, os jovens aderiram. Certamente, o caráter resolutor do discurso evangélico chamou a atenção dos kaingang, num momento histórico em que os mesmos perdiam território e sentiam a forte presença colonial em suas antigas áreas de habitação.

Na composição das pessoas que frequentam as igrejas evangélicas, Assembleia de Deus ou Só o Senhor é Deus, os dados se assemelham aos obtidos por Almeida (2004): se identificou que as mulheres são maioria nos cultos, nas famílias que visitei as mulheres

são evangélicas e os homens católicos (associado ao xamanismo, compondo um complexo com dois sistemas (Rosa 2005)).

As lideranças do setor, em sua maioria, são evangélicas, entre estes identifiquei um capitão geral (na totalidade da área são três, um deles mora no setor Irapuá), o coronel, o delegado, assim como o vice-cacique e o capitão do setor Bananeiras (em relação à totalidade e demais setores).

BÍBLIA NÃO É DESODORANTE: A CONSTRUÇÃO DA DOUTRINA NO COTIDIANO

O visitante que chega a T.I. Guarita certamente se surpreende com sua proximidade das cidades que abrange a área. A distância da cidade de Redentora até Tenente Portela é de 32 km, pela RS-330, passando pelo centro da cidade de Miraguaí, que não possui território da área indígena, mas sua divisa é muito próxima.

A disposição da estrada apresenta claros contrastes, à direita pertencente à T.I. há poucas casas, em alguns locais com mata fechada, enquanto à esquerda, lavouras e pastagens (“dos brancos”, como afirmam os kaingang). O contraste diminui quando se aproxima de Miraguaí, especificamente no setor do Irapuá, que é predominantemente habitado próximo à RS-330. Em ambos os lados encontram-se casas que não destoam em sua arquitetura.

No setor Irapuá existem duas igrejas, a Assembleia de Deus e a Só o Senhor é Deus. Na Assembleia de Deus há somente um pastor kaingang, que circula entre as demais igrejas da área, o mesmo mora no setor Linha São Paulo, vizinho ao Irapuá, na igreja Só o Senhor é Deus o pastor é kaingang, e ministra todos os cultos e algumas vezes recebe convidados de igrejas das cidades vizinhas.

Poli, pastor da igreja Só o Senhor é Deus, é uma influente liderança no setor, quem me indicou foi o senhor Santo, presbítero da Assembleia de Deus, que não quis se manifestar sobre as outras igrejas evangélicas. Porém já havia participado de uma reunião que ele estava, mas não sabia de sua relação com a igreja.

No primeiro dia da pesquisa fui convidado a acompanhar uma reunião na escola do setor, todos estavam reunidos para terem informações do posto de saúde, assim como da escola e das lideranças. Neste dia, as lideranças enfatizaram o incomodo com jovens que faziam festas até tarde da noite, orientavam os pais a procurarem as igrejas para que os filhos tomassem um “rumo na vida”.

Quem coordenou as atividades foi o pastor, também liderança, que mais tarde me convidou para participar, fotografar e filmar o culto da libertação.

Num primeiro momento pensei que as igrejas evangélicas tomavam conta de todas as atividades, e, conseqüentemente, o número de adeptos era muito grande. Contudo, nem todos os membros de uma família são da mesma religião, por exemplo, nem todos os filhos do senhor Santo são evangélicos, e ele não vê problema, pois em sua opinião eles estão “no caminho certo”.

Dessa maneira, a pressão de algumas lideranças ao enfatizarem e incentivarem a participação dos jovens na igreja se dá por um processo de disputa, que mesmo com uma larga vantagem frente aos católicos, os evangélicos percebem uma certa inconstância na participação e continuidade de seus membros.

A pressão ocorre também nos momentos de confraternização evangélica. Esse aspecto foi percebido no Encontro de Jovens, realizado no setor Bananeiras, no último dia reuniu bandas de todos os setores e áreas indígenas do Rio Grande do Sul, assim como, recebeu pastores das cidades próximas. O mesmo contou com um churrasco para os participantes e vendido para os interessados em colaborar.

O domingo que encerrou as atividades estava chuvoso e com quedas constantes de luz, o que prejudicou as atividades. Acompanhei Zaqueu até o local das festividades, ele comprou um churrasco para colaborar, enquanto aguardávamos o mesmo fiquei assistindo o culto, realizado na rua, protegido por uma grande lona azul, com um altar no fundo. Do altar os pastores e presbíteros discursavam e rezavam, à frente duas grandes fileiras de bancos, na direita do altar sentavam-se as mulheres, a esquerda os homens. Muitos acompanhavam em pé as atividades.

Enquanto assistíamos o culto alguns presbíteros vinham cumprimentar Zaqueu, o mesmo aproveitava para me apresentar, assim ganhava um pouco de intimidade com os evangélicos e fazia-me presente em suas atividades.

Um jovem pastor, de cerca de 40 anos, fazia um discurso caloroso, gritava ao microfone as “palavras do senhor”, pois para os evangélicos, o pastor reproduz as palavras do espírito santo. Nos bancos com as mãos erguidas ao alto e em meio a sussurros de “aleluia” e “graças a deus” as mulheres tomavam coro no culto. Os homens menos explosivos se limitam a fechar os olhos com força, indicado pelas rugas produzidas no rosto, com os braços esticados à frente e as mãos juntas.

Após a leitura e interpretação de um trecho bíblico o pastor muda seu discurso e passa a atingir a moral dos participantes e dispara: “tem gente usando a bíblia como desodorante, só deixa ela embaixo do braço, leva ela pra lá e pra cá, tem que usar!”.

A salvação ocorre, segundo a crença evangélica, no seguir a palavra e cumprir a doutrina. A doutrina é construída com preceitos da bíblia, que é adaptada conforme os anseios cotidianos do grupo. Por exemplo: não beber, não fumar, não cometer adultério, não causar brigas, respeitar as lideranças; são preceitos básicos encontrados tanto em evangélicos indígenas e não indígenas.

Contudo, o contexto no qual está inserida uma determinada igreja influencia naquilo que se entende por “doutrina”, o respeito as autoridades e as leis ganha um aspecto curioso na T.I. Guarita, pois as lideranças indígenas, algumas delas evangélicas, fazem acordos com as autoridades não indígenas, como a Brigada Militar (Polícia), para não autuar, dentro da área indígena, veículos com documentação atrasada ou cujo motorista não tenha habilitação. Essa ação só ocorre junto de lideranças kaingang.

Dessa forma, lideranças e evangélicos ganham legitimidade diante das autoridades não indígenas, pois estes conseguem negociar brechas no cumprimento da lei.

O próprio seguimento da doutrina da igreja estabelece uma relação de proximidade com Deus, segundo um interlocutor do setor Missão Indígena, que frequenta a igreja Só o Senhor é Deus, em toda saída de carro para a cidade (Miraguaí): “eu falo: Deus me proteja quando saio com o carro na faixa para a polícia não me pegar, pois eu não tenho carteira”.

A sustentação da crença evangélica parece criar raízes em vários planos, no espiritual, pois, conforme aponta Almeida (2004), o indivíduo passa a ter comunicação direta com Deus, não necessitando mais de intermediários. Nas relações sociais, a partir do afastamento progressivo da igreja católica, no contexto da devastação territorial e a perda de espaços, o que enfraquece a prática do xamanismo pela diminuição do matão (Rosa 2005; Silva 2002). E na política, uma vez que o vínculo com a imagem de “evangélico”, diante dos não indígenas, cria uma percepção de “domesticado”, facilitando, de certa maneira, o trato kaingang com as autoridades ocidentais.

MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS RUINS, CURA E MILAGRES

No plano espiritual, o elemento cura é central nas crenças evangélicas entre os kaingang. Comunicando-se com Deus, no espaço da casa, o crente pede para ele o curar

ou na impossibilidade, de preparar sua partida, morte. Esse diálogo só ocorre com o convertido, aquele que frequenta os cultos e literalmente “aceitou a palavra”.

Dona Maria, de 84 anos, evangélica da igreja Só o Senhor é Deus, relatou-me a cura de sua filha mais nova pelo pastor:

[...] a minha nenê, ela também ficou endemoniada. Sabe o que que é, o espírito mal entrou no corpo dela, o espírito mau. Parecia que era ela que falava, mas era aquele bicho, aquele espírito que falava no corpo. Daí o pastor vinha e repreendia aquele espírito, e o pastor vinha e mandava aquele espírito falar o porque ele tinha entrado no corpo dela? Daí ele contava.

Segundo a interlocutora, a manifestação do “bicho”, espírito mau, não apenas falava línguas estranhas, mas dava gargalhadas altas, se arrastava pelo chão como uma cobra, grunhe como um porco, vomitava caco de vidro, espumas saíam de seu ouvido e trouxas de cabelo de sua boca.

As palavras do pastor, de acordo com dona Maria, doutrinavam o espírito, faziam com que ele obedecesse suas ordens e finalmente deixassem o corpo da possuída. Contudo a ação do pastor não findou o processo. Dona Maria cumpriu um acordo com Deus, não me quis revelar princípios deste, mas exemplificou com um jejum realizado das 7 h às 19 h, sem comer e beber.

A ação do pastor e o cumprimento da promessa fez com que o “bicho” não se manifestasse mais na filha de dona Maria. O poder de cura, atrai adeptos a uma denominação religiosa e outra, assim como, a busca pela prosperidade, conforme me relatou Poli, ao explicar os propósitos da igreja Assembleia de Deus. Essas realizações ocorrem, segundo ele, através de um pentecostalismo forte, ou seja, do seguimento da doutrina que proporciona a cura e a melhoria financeira.

Interessante notar que Poli, pastor da igreja Só o Senhor é Deus, protagoniza cultos de libertação, onde o momento central é o afastamento dos espíritos ruins dos fiéis. Pois, em teoria, todos os estados débeis das pessoas e suas dificuldades na vida são operadas por esses seres malignos: que se manifestam através do descumprimento das ordens das lideranças, do fazer festas até tarde da noite, da traição da (o) esposa (o), dos maus negócios.

DOIS CULTOS EVANGÉLICOS

Em minha permanência no setor Irapuá participei de dois cultos evangélicos, um na igreja Assembleia de Deus e outro na Só o Senhor é Deus. Nessa seção descreverei as observações que fiz desses cultos, inicialmente a Assembleia.

Às 19 horas do dia 20 de julho de 2017, ouvi da casa de Zaqueu o som do culto da igreja Assembleia de Deus, a mesma fica a um quilômetro da entrada do setor. Fiz o deslocamento de carro, e na dúvida sobre o caminho correto, fui guiado pelo som alto das músicas.

O culto pode ser dividido em três momentos: a entrada, onde são realizados os cantos, os pedidos especiais, as apresentações, os avisos da comunidade; a pregação, onde o pastor responsável de forma fervorosa lê passagens da bíblia, grita em línguas não compreensíveis e, literalmente, prega a palavra aos fiéis; e a reza, onde são chamados aqueles que tem um pedido especial.

Ao entrar na igreja logo percebi a divisão espacial, nas cadeiras a direita da entrada ficam os homens, na esquerda, as mulheres. Busquei me posicionar mais ao fundo, para visualizar melhor o cenário.

Assim que me acomodei, um membro da igreja que estava no altar veio ao meu encontro, me cumprimentou e indagou minha origem. Nesse momento alguns cânticos eram entoados e trechos da bíblia lidos. Não demorou muito e o irmão (membro da igreja), anunciou a chegada de Jesus, pastor kaingang. Ao entrar cumprimentou todos os homens. Logo que se posicionou para falar mencionou minha presença e pediu para que todos fossem solidários a minha pessoa caso fossem procurados.

Durante o período demarcado como a “entrada” vários cantos são entoados, pelo coral da igreja, todo composto por indígenas, homens e mulheres, e as vezes é utilizado o som mecânico.

No entanto, o momento mais impressionante é a pregação. Nele o pastor toma o lugar de destaque, gesticula, grita, fala das tentações que o crente enfrenta no dia a dia, sobre os desafios da igreja, sobre a volta de Jesus Cristo. O caminhar do pastor pelo altar acusa sua exaltação, este sua, limpa o microfone, passa o pano na testa molhada, fica vermelho, nos breves momentos que para de falar, homens e mulheres, posicionados na frente do altar gritam: “aleluia” e “meu senhor”.

Na reza final todos se aproximam do altar, decidi ficar onde estava, justamente para observar melhor, nela o pastor fala palavras de salvação, os músicos, que ainda estão junto a seus instrumentos erguem as duas mãos para cima, fecham os olhos e tremem de pé, balançando-se, levemente para frente e para trás.

Durante o momento da pregação a porta do templo é fechada, dois homens ficam encarregados da função de porteiros. Todo o culto foi realizado em língua portuguesa. O espaço da igreja é organizado com oito fileiras com cinco cadeiras cada, mais um banco de madeira compõe o espaço masculino e dez fileiras com cinco cadeiras cada, mais um banco de madeira na frente compõe o espaço feminino. A igreja não possui imagens de santos nem cruzes.

Vinte e três pessoas estavam no altar, nove mulheres e quatorze homens, que são os irmãos da igreja. No culto havia mais mulheres do que homens, eles vestidos de terno azul marinho ou preto e elas, com um blazer e saias abaixo do joelho, as mais jovens maquiadas. As crianças, diferente dos adultos, gozam de relativa liberdade, pois correm pelas duas fileiras de cadeiras, entram e saem do culto a todo momento.

No dia 21 de julho, às 19h, fui até a igreja Só o Senhor é Deus, onde Poli é pastor, para assistir o culto da libertação em que fui convidado.

A localidade onde mora Poli é do lado contrário de onde se situa a maior parte da área da Guarita, num pequeno trecho que ainda pertence ao território demarcado. Contrasta com a Assembleia de Deus a estrutura do local, que é composto por uma pequena e baixa casa de madeira, sem forro, próxima as residências de não indígenas, igualmente sem imagens de santos ou cruz, não possui instrumentos musicais, contando apenas com uma caixa de som. A distribuição dos participantes no espaço é a mesma da Assembleia.

Logo que entrei no local vi Poli se preparando para o culto no altar, ele, um pastor branco e dois assistentes eram os únicos a usarem terno. Nas proximidades ao altar ficam cadeiras encostadas nas paredes, de modo a deixar um espaço para a “libertação dos espíritos”. Poli ao me ver me chamou para próximo do altar, sentei o mais próximo possível do público, contrariando o pastor que queria me acomodar no altar.

Sentado, esperando o início do culto pude observar os fiéis, diferente da Assembleia de Deus, homens e mulheres não cumprem um rigor formal em suas vestimentas. Usam roupas simples, as mulheres de saias cumpridas e casacos, os homens de jaquetas, moletoms e calças jeans, alguns calçando sapatos, outros chinelos.

Poli, ao perceber minha curiosidade com o local e com o movimento das pessoas veio até mim e perguntou se eu não tinha uma câmera, para filmar ou fotografar, prontamente deixei a máquina preparada para o culto. Confesso que desde o início essa foi minha intenção, mas imaginei que não seria permitido, pois os evangélicos sempre são receosos com imagens.

A estrutura do culto muda em poucos aspectos, o momento da reza final, que se sucede logo após a pregação, é mais demorado e significativo, pois ali o pastor invoca o poder de Jesus Cristo e Deus para tirar os espíritos malignos da pessoa.

Diante do pastor as pessoas ficam paradas, ele unta as mãos com um óleo e aperta o dedo contra a testa da pessoa, falando palavras de ordem, mandando que o espírito se manifeste e saia do corpo daquela pessoa. Em seguida coloca sua mão direita no braço esquerdo da pessoa, uma assistente se posiciona atrás daquele que o espírito pode se manifestar e com os braços abertos fica cantando, nessa posição ela aguarda para auxiliar se a pessoa vir a cair.

A pregação é acompanhada da expulsão dos espíritos ruins, ou demônio, o pastor fecha os olhos com o punho na testa do fiel e grita constantemente: “saia desse corpo demônio”; “deixe ele em paz”. É acompanhado pelos demais fiéis com salvos: “aleluia”; “oh Senhor”; “deixa esse corpo”.

Aquele que sofre as rezas fica de olhos fechados, alguns choram, e em uma jovem o espírito se manifesta. Todos os irmãos, cuja denominação indica participação mais longa na igreja, acompanham o pastor em oração com os braços ao alto e a mão estendida, alguns de olhos fechados outros não. A fiel se contorce, esse é um sinal de manifestação classificada como demoníaca, o pescoço se dobra sucessivamente para a esquerda e para a direita, e, após alguns instantes ela cai para trás.

Um membro da igreja já está preparado para a acolher, ajoelhada, a jovem chora, meche os braços para frente e para trás, balança a cabeça. O pastor insistentemente retoma a mão na testa da jovem e ordena que o diabo deixe seu corpo.

O demônio, ou diabo (são ambas denominações utilizadas, tal como, coisa ruim e espírito mau), em nenhum momento se comunica. Sua manifestação se sustenta em balanços dos braços e da cabeça.

As pessoas que procuram o pastor para esse momento, na maioria das vezes são jovens, mais mulheres do que homens, acompanhados dos pais que já frequentam a igreja.

No momento das rezas todos se emocionam, choram, gritam louvores e abraçam aqueles que na frente do pastor aceitaram a palavra.

CONCLUSÃO

A população kaingang, em contato com a população não indígena há mais de cento e cinquenta anos, vem operando ao longo do tempo formas diversas de domesticação do

contato. Rosa (2005) aponta para a incorporação de aspectos do catolicismo popular no complexo xamânico kaingang, que junto ao sistema kujã criou o sistema caboclo.

Sempre que a proximidade geográfica de grupos culturalmente distintos ocorre por motivos exógenos a vontade daqueles ocorrem conflitos de toda ordem, religiosos, políticos e ideológicos. Dado a força demográfica menor, as populações ameríndias são obrigadas a pensar estratégias para sua sobrevivência física, política e cultural.

Lideranças históricas kaingang, como Fongue e Nonhoay (e outros) são exemplos de mediadores, que na medida do possível orientaram sua ação a partir de códigos ameríndios (Laroque 2000).

Nessa mediação, no entanto, sempre há perdas, territoriais, religiosas, populacionais e consequentemente, culturais. A adesão, hoje em grande número, as igrejas evangélicas não é um fenômeno recente, ocorre há, pelo menos, sessenta anos, e os kaingang continuam Kaingang.

O que supõe um elemento que é capaz de explicar essa adesão, pode se deduzir que o empobrecimento econômico, a perda de territórios, e consequentemente o desaparecimento do matão, espaço que constitui a prática do kujã, são os principais fatores que explicam a adesão e a incorporação da crença evangélica pelos kaingang. Todos esses aspectos colaboram para o fenômeno, a medida que se percebe o poder de ação da doutrina na cura das doenças, no afastamento dos vícios e na resolução dos problemas. Entretanto, a presença do pentecostalismo nas aldeias kaingang não pode ser explicada apenas como a interação com a crença religiosa dos não indígena, deve se levar em consideração também a significação que os kaingang dão aos espíritos maus, diabo, deus com os seres que habitam o universo cosmológico kaingang, tais como o vênh-kuprîg-kòrèg, nén kòrèg e os vênh-kuprîg-hà e Töpé.

Dessa forma, a pesquisa antropológica acerca da adesão dos kaingangs as igrejas pentecostais não se esgotam na observação da participação indígena nos cultos, mas também possibilita compreender os aspectos que fazem com que os kaingang estabeleçam elos cosmológicos, bem como, explicar a posição dos crentes e pastores na organização social e política da aldeia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ledson Kurtz de. 2004. *Análise antropológica das igrejas cristãs entre os Kaingang baseada na etnografia, na cosmologia e dualismo*. Tese (Doutorado) –

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

LAROQUE, Luís Fernando da Silva. 2000. *Lideranças kaingang no Brasil Meridional (1808-1889)*. São Leopoldo: Editora Unisinos.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. 2005. *“Os Kujã são diferentes”: um estudo etnológico do complexo xamânico dos kaingang da terra indígena Votouro*. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SILVA, Sérgio Baptista da. 2002. *“Dualismo e cosmologia Kaingang: o xamã e o domínio da floresta”*. Horizontes Antropológicos 18(1): 190-209.